

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “LATO SENSU” EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO 2016/2017

(RESOLUÇÃO nº 26/2015 de 04/05/2015)

ADEMIR DOS SANTOS LUZ

AS RELAÇÕES ENTRE A FILOSOFIA E A PEDAGOGIA NA OBRA SOBRE “A PEDAGOGIA DE IMMANUEL KANT”

MACEIÓ

2017

ADEMIR DOS SANTOS LUZ

AS RELAÇÕES ENTRE A FILOSOFIA E A PEDAGOGIA NA OBRA SOBRE “A PEDAGOGIA DE IMMANUEL KANT”

Artigo científico apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de especialização “Lato Sensu” e Filosofia em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Anderson de Alencar Menezes

MACEIÓ

2017

As Relações entre a filosofia e pedagogia na obra sobre “A pedagogia de Immanuel Kant”

Ademir dos Santos Luz

ademirluz01@hotmail.com¹

Professor Dr. Anderson de Alencar Menezes

anderufal@gmail.com²

Resumo

Este trabalho tem por objetivo, investigar a relação existente entre a filosofia e a pedagogia e levar ao leitor a compreender a importância da educação da criança dentro de um contexto social e político.

Nesta perspectiva, a prioridade é a formação em meio a autonomia e disciplina, que de forma livre a criança irá transformar a animalidade em humanidade. Portanto, o indivíduo aprende a desenvolver lentamente uma obediência voluntária a sua própria razão, onde será o meu ideal para a formação moral e ética, para o aprimoramento de sua identidade.

Palavras chave: criança; disciplina; autonomia.

Resumen

Este trabajo tiene por objetivo, investigar la relación existente entre la filosofía y la pedagogia y llevar al lector a comprender la importancia de la educación del niño dentro de un contexto social y político.

En esta perspectiva, la prioridad es la formación en medio de la autonomía y disciplina, que de forma libre el niño transformará la animalidad en humanidad. Por lo tanto, el individuo aprende a desarrollar lentamente una obediencia voluntaria a su propia razón, donde será mi ideal para la formación moral y ética, para el perfeccionamiento de su identidad.

Palabra clave: niño; disciplina; autonomía.

¹ Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Aracaju.

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, Bacharel em Teologia pelo Centro Unisal - Campus Pio XI (São Paulo), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco e Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto/Portugal. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas, Membro do CONSELHO EDITORIAL E CONSULTOR DA REVISTA REDUC (Revista Eletrônica de Educação de Alagoas). PROFESSOR E COORDENADOR DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO DO PPGE/CEDU/UFAL; Membro do CONSELHO EDITORIAL da Revista Eletrônica - COGNITIO da PUC SÃO PAULO; Tem interesse pelas seguintes Linhas de Pesquisa: 1) ÁREA DA FILOSOFIA: EPISTEMOLOGIA, HERMENÊUTICA E TEORIA CRÍTICA. 2) ÁREA DA EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO; FUNDAMENTOS SOCIOANTROPOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO; TEORIA CRÍTICA E EDUCAÇÃO; HERMENÊUTICA E EDUCAÇÃO, PROFISSÃO DOCENTE.

Introdução

Analisando-se o contexto do surgimento da filosofia na Grécia Antiga, em meados do século VI, percebe-se que, não há como se fazer uma desvinculação entre a pedagogia e a filosofia, pois ambas estão intimamente ligadas entre si. E para se aplicar os conhecimentos filosóficos é preciso usar como meio a pedagogia. A filosofia tem como fundamento estimular os indivíduos a sair do senso comum e entrar em um universo de indagação, de questionamento e de reflexão. E desta forma fazer uma releitura do mundo em que estão inseridos. Para a pedagogia o método experimental é essencial para propiciar constatações que, posteriormente, possam ser aplicadas afastando assim a educação e a instrução do campo meramente mecânico (Kant 1996).

O homem, segundo este itinerário de pensar a realidade em que está imerso, é levado a modificá-la. Nesta perspectiva a filosofia se aplica principalmente no campo teórico do conhecimento, já a pedagogia, no campo da prática.

A educação prática tem como função ensinar novas ideias e novas formas de pensar antes de agir. Assim, não basta apenas explicar conteúdos para que os alunos abstraíam, mas ensinar a pensar com coerência e sentido, deste modo, formar indivíduos críticos e reflexivos. Partindo deste princípio, estar-se-à estimulando o indivíduo a pensar por si mesmo e atingir sua liberdade chegando a construir sua identidade.

A finalidade deve ser formar cidadãos livres e conscientes de seu papel na sociedade e consequentemente transformadores do meio político, econômico e social, o qual estão inseridos. Percebe-se que, a disciplina é o meio mais favorável e consistente para promover a dignidade e aplicar os conceitos filosóficos e pedagógicos em sala de aula.

É necessário desenvolver uma formação de modo livre e espontâneo para propiciar no futuro, indivíduos capazes de pensar antes de agir. Porque a disciplina estimula a uma adequação de comportamento que será vivenciado pelo aluno durante todo período de formação.

Segundo Kant (1996), o primeiro passo para se instruir um indivíduo para a vida social e política é oferecer durante o período da infância, instrumentos necessários que venham impedir a brutalidade e a inclinação das vontades pautadas nos valores morais e éticos. A disciplina será a todo o momento o ponto de partida para formar e estabelecer um aprimoramento que perdurará durante toda existência. Diferente dos animais que intrínseco a

sua natureza, traz o cuidado e a busca de alimentos assim que nascem, a criança precisa de uma educação disciplinada na liberdade, para modelar seus desejos e vontades em sensibilidade, adquirindo a capacidade de ver o outro como a si mesmo. Na verdade, o homem raciocina antes de agir e abstrai de sua consciência o que é melhor para sua ação naquele determinado momento.

A criança vem ao mundo com todas as capacidades psíquicas e psicológicas capaz de apreender e codificar a realidade, mas também precisa aprimorar sua ação moral, através da escola e a família, que são os primeiros instrutores a prepará-la para ser inserida na sociedade. Desta forma é encaminhada a escola para ter disciplina, assim, ela é levada, desde cedo, a criar conceitos e a negar sua própria natureza desumana (KANT, 1996).

Diante disso, percebe-se a evolução da educação nos dias atuais desde seu surgimento, onde a dureza e a ignorância das pessoas estavam expressas de forma clara e concisa. Neste momento em que o homem se desvia de seu humanismo e a disciplina faz com que este se torne um animal racional e civilizado através das leis.

É pela educação que a criança vai adquirindo hábitos positivos, negando assim sua natureza egoísta e selvagem. É desta forma que ela é encaminhada logo cedo para a escola, com a finalidade de aprender a disciplina e a obedecer aos seus professores, impedindo assim, que se torne uma adulta desobediente e siga suas próprias vontades. Este é um meio favorável para disciplinar a criança para que ao se tornar autônoma consiga reverter seus costumes, modelando sua natureza.

A partir do momento em que a criança entra na escola, a professora começa a imprimir neste indivíduo, de forma livre, como ele precisa se comportar dentro e fora da sala de aula e como deve respeitar os semelhantes e diferentes. Tudo isso de forma simples e natural. Quando a criança vem se dá conta que está sendo instruída em uma disciplina, já criou um hábito, ou seja, um costume que vai apenas se concretizando no processo educacional e disciplinar. Este é o motivo de inserir o indivíduo de forma simples e autônoma na adequação de sua identidade, através de regras e leis, que não são autoritárias, mas que geram valores e prepara o homem para não seguir suas próprias inclinações.

O homem deve passar por um processo de modelagem para se tornar uma criatura humanamente boa, todavia não é tarefa fácil realizar esse processo, visto que, o homem já está adaptado a determinados costumes. Logo, a escola assume um papel de grande importância que é de impedir que suas vontades e desejos se aflorem de forma selvagem. Enquanto

criança a instrução disciplinada gera uma natureza que vai se perpetuando por toda vida (Kant, 1996).

A criança vai fazendo escolhas a partir do momento que vai crescendo e, tomando consciência do mundo em que está inserida, faz opção pela lei disciplinada que foi engendrada desde cedo. Os animais não precisam ser instruídos, na verdade repetem apenas o que os pais fazem. Já para o homem é necessário que ele passe pelo processo de adequação da aprendizagem, tanto teórica quanto prática. Por teoria se entende aqui os costumes, as regras e leis que são ensinados em casa, assim como os aspectos culturais apreendidos diariamente. Já na prática, que é outra via de aprendizagem, a criança observa a ação dos pais e procura repetir no ambiente social.

Percebe-se que os indivíduos que estão construindo sua própria identidade, aprendem muito mais gerando uma disciplina através da prática com pais e professores, favorecendo a autonomia do agir. Logo a disciplina não é um fim, mas um meio para que o indivíduo se desenvolva e crie mecanismos para se tornar um ser social e político. É dessa forma que a ação prática se sobressai neste modo de aprendizagem. O processo educativo vai moldando o homem de tal forma, que toda ação teórica e prática passa pelo crivo da razão. Nesta perspectiva, a instrução educativa deve ser bem alicerçada e segura, para possibilitar ao homem, construir a capacidade de perceber a realidade em que está inserido. Deste modo, o homem é capaz de reproduzir os conhecimentos e ensinar seus alunos a seguir o mesmo itinerário, atingindo assim, os objetivos desejados (KANT, 1996).

De imediato a educação que vem dos pais é o primeiro contato, mas pode ocorrer uma aquisição através dos meios. No entanto, para que haja um resultado satisfatório em toda a formação da criança é preciso que esta ação ocorra no coletivo. Na maioria das vezes, os professores estão muito preocupados com sua própria realização e não em levar seus alunos a descobrir e a trabalhar a maturidade humana.

Na verdade a educação precisa progredir a cada ano que passa, sendo esta a fonte de transformação da natureza humana. Percebe-se que, em meio ao processo formativo, a cultura pode ser adquirida. Já a disciplina é um procedimento mais complicado, porque o indivíduo já criou uma identidade e ela está impregnada na sua natureza, ao passo que a educação é um meio essencial para encaminhar um homem a tal modelagem de sua humanidade. Esse projeto tão sonhado de uma educação de boa qualidade, não se constrói da noite para o dia, mas leva muito tempo e dedicação dos que fazem parte dele. Por outro lado, não deve ser concebido

como uma utopia, embora ele seja um transtorno que desafia a humanidade. Logo, uma geração precedente pode educar com melhor qualidade, transmitindo seus valores e experiências às gerações seguintes. Se todos buscassem os mesmos objetivos e desejassem atingir a mesma meta, esse projeto seria realizado.

O primeiro passo para se alcançar esse objetivo é construir ideias que possam ser colocadas em prática e persistir para atingi-las. A ausência de políticas públicas voltadas para a melhoria da educação é um dos problemas que se apresentam na escola de hoje. Assim, há no homem uma natureza que pode ser dada uma forma e que se é capaz de atingir a realização do próprio ser (KANT, 1996).

Os animais atingem seu acaso de forma natural. No entanto, no homem não acontece o mesmo, pois este é um ser incompleto que não é capaz de atingir seu designo por si mesmo, de imediato. A educação que vem dos pais é o primeiro contato que a criança constrói, mas pode ocorrer uma aquisição por parte dos meios sociais em que esta está inserida. O importante é possuir ideias que possam ser colocadas em prática para o bem dos que estão sendo formados. O homem por ser incompleto é motivado a descobrir e aperfeiçoar o seu fim, este procedimento acontece por meio da educação. Já para os animais, seu destino acontece naturalmente, sem intenção. Mesmo porque o indivíduo não consegue atingir esse fim por si mesmo, precisa de algum mediador que o encaminhe nesse processo. Talvez porque a criança passa mais tempo com os pais que na escola. Por isso, para que haja um resultado satisfatório entre ambos é preciso que haja uma comunicação direta entre pais e professores, pois a tarefa mais espinhosa e trabalhosa é a concretização do processo educacional. De fato não existe uma receita pronta, que pudesse ser aplicada para todos e em qualquer lugar. Logo, o comportamento cultural é muito diversificado em sua especificidade. Porém, o necessário é seguir apenas os critérios educacionais, visando o ideal de perfeição de cada indivíduo que passa pelo processo educacional e que será capaz de transmitir para as gerações futuras (KANT, 1996).

Segundo Kant (1996), a arte de educar é um processo adquirido através da experiência que se desenvolve por atos repetitivos e rotineiros. No entanto, a falta de estímulo encontrado durante o processo de formação da criança, assim como determinados professores, situação econômica etc., muitas vezes a bloqueia, dificultando o seu desenvolvimento de aprendizagem.

Uma boa formação é o ápice para a felicidade de qualquer homem. Uma vez que concluiu esse processo, ele está subordinado a leis e regras que lhe são proporcionadas. Desta forma, a educação precisa passar por um processo de transformação e revisão e começar a descobrir na criança, desde cedo, um ser que é capaz de modificar o meio social. Esse processo deveria partir da hierarquia política dominante que não oferece os instrumentos e a estrutura necessária para a realização de um bom trabalho dentro da escola.

Os poderosos visam o bem próprio e utilizam o homem como instrumento sem nenhum compromisso com a formação deste indivíduo, ou seja, é melhor que o homem esteja impossibilitado de pensar por si mesmo, porque para o estado é mais fácil de ser manipulado. Desta forma, as pessoas particulares devem estar atentas a finalidade da natureza e da formação de cada indivíduo para que possam ser referenciais para os demais. Logo, quem possui o poder político deseja utilizar o homem como instrumento de massa, mas a educação é capaz de modificar esta realidade (KANT, 1996).

Por assim dizer não é necessário exercitar as crianças, mas é preciso que estas aprendam a pensar por si mesmas. A parte principal da educação é cuidar da moralização, ou seja, que o homem de forma consciente, saiba escolher os bons fins e ensinar as crianças a desprezar os vícios e cultivar as virtudes. O ato de ensinar não pode ser inconsciente ou involuntário, mas precisa de uma fundamentação na realidade, mesmo sabendo-se que não existe protótipo ideal de educação e que a sociedade se modifica a todo momento através das tecnologias, meios de comunicação social e cultural. Logo, a educação não fica estacionada, ela precisa de um gerenciamento, uma gestão, para que, o que foi apreendido possa ser colocado em prática. O indivíduo quando entra no processo educacional abstrai e aceita tudo sem questionamento, mas a partir do momento em que possui uma leitura de mundo, este começa a questionar e a indagar o porquê dos fatos. Esses dois processos são necessários para possibilitar ao aluno, o que ele já sabia e o que precisou aprender e decodificar com o passar do tempo.

A educação aplicada no ambiente familiar é de grande importância, por que auxilia na formação dos indivíduos e na abstração da disciplina, além de contribuir como orientadora e emancipadora de homens livres e racionais, possibilitando a todos o acesso a uma educação de qualidade (KANT, 1996).

Ainda neste âmbito filosófico kantiano, se o indivíduo que está realizando o processo educacional fosse capaz de não reproduzir o que está nos livros didáticos, mas através do

conteúdo destes, explorasse questionamentos tanto dentro como fora da sala de aula, levaria os alunos a repensar sobre uma nova possibilidade e aplicabilidade desse conteúdo na vida diária. Analisa-se que o maior problema enfrentado pelos dirigentes da educação é ajustar a intimidação das leis ao exercício da liberdade. Na verdade a intimidação é necessária, mas é imprescindível acostumar o educando a tolerar que sua liberdade seja submetida à outra pessoa.

A partir do momento em que as crianças vão formando seus atos cognitivos e assimilando uma identidade, estes precisam de liberdade para brincar, perguntar e se expressar e não reprimir os sentimentos de criança. Só diante de algum ato errado, os indivíduos podem ser orientados tanto pelos pais, como pelos professores (KANT, 1996).

Para Kant(1996)é importante estimular a criança a sonhar e dar asas a imaginação. Assim como mostrar que ela é capaz de atingir seus objetivos e cabe ao professor não criar uma barreira de pessimismo, afirmando que, a criança é incapaz de chegar a algum lugar. Percebe-se que é dever dos pais e professores, com quem os indivíduos passam mais tempo, respeitar e auxiliar a criança em todas as fases, para que estes cheguem a vida adulta com objetivos claros e capazes de discernir o que é melhor para seu futuro.

É importante que pais e professores percebam que propiciar a liberdade é necessário para a formação, desde a primeira infância e em todas as fases de desenvolvimento, porém deve-se impedir que a criança use essa liberdade contra ela e contra as outras pessoas, causando o mal e sendo mal educada. Deve-se ensinar que a criança é capaz de modificar a realidade e conseguir atingir seus propósitos de desejo, basta apenas administrar sua ação através da disciplina. Assim, os valores morais, éticos e sociais devem ter lugar de destaque dentro do processo educacional do aluno (KANT, 1996).

Ainda sob o olhar de Kant (1996), em meio a um conjunto de informações que são transmitidos dentro do processo educacional, a cultura é a que se sobressai, visto que, esta possibilita ao homem, a capacidade de pensar e refletir sobre suas próprias ações, levando o indivíduo a um novo comportamento.

A cultura possibilita a formação e a índole da criança, logo, os responsáveis devem criar seus filhos em ambiente agradável e que possa favorecer um lugar de conforto com meios favoráveis a formas de cultura e descoberta. Por exemplo, é importante deixar as crianças caírem, desta forma elas caminharão com mais segurança. Assim como, a criança deve

desempenhar sua criatividade artística permitindo que ela possa inventar novas formas de ver o mundo. Nesta ótica, percebe-se o quanto a cultura é importante dentro da sala de aula e com ela trata a diferença, que será um fator de respeito e não de distinção em um contexto em que os alunos e professores se encontram.

Dentro desta perspectiva, analisa-se as estratégias e inovações que o aluno é capaz de criar e abstrair de outras culturas, bem como de idealizar ou imaginar instrumentos que podem persuadir a modificar o meio. Por isso, os pais e professores devem ensinar tanto em casa como na escola. Essa forma de lançar-se em meio a liberdade requer alguma segurança e a família e a escola devem ser esse porto seguro, onde, muitas vezes, precisam dar espaço e liberdade a estes indivíduos deixando-os que caiam e levantem-se sozinhos, a fim de que se encorajem na caminhada e prossigam com segurança. Portanto é necessário estimular o abandono de atos rotineiros deixando que usem de sua liberdade e aprendam algo novo (KANT, 1996).

Seguindo o pensamento de Kant (1996), o ser humano traz em sua natureza alguma determinação, não é um ser vazio, mas existe nele a habilidade para alguma coisa. Esta por sua vez vai se desenvolvendo com o passar do tempo. Logo, nossas determinações morais não são diferentes. Existem ações morais que afloram com mais facilidade e são estas ações comportamentais que nós procuramos reprimí-las e deixar aparecer o que é agradável aos outros.

Um dos fatores essenciais para se ter um bom caráter, é segundo a teoria kantiana, tomar como princípio a disciplina e aprender a dominar as paixões. É preciso criar regras e aplicá-las a própria consciência. Estimular as crianças a prática de atos de humanidade, desde cedo, é na verdade, ensiná-las a ter consciência que a partilha é um ato de humanidade e respeito para com o outro.

Partindo do princípio que o ato consciente estimula a criança a gerar hábitos morais, sob a ótica de Kant, é melhor conhecer pouco e com mais propriedade do que conhecer muito e de forma superficial. Porém, a criança desacredita em quais situações é preciso destes ou daqueles desentendimentos. Por isso é melhor aprender e fixar de forma clara, solidamente e em síntese, pois a prioridade é a estabilização do caráter na qual se resume na capacidade de realizar algo e colocar em ação, onde se oferece uma base teórica que se deve cumprir o que foi prometido. Desta forma, essa depuração do conhecimento em que a criança está abstraindo é necessária para que ela crie conceitos sólidos e se torne capaz de entender e esclarecer os

fatos que estão presentes neste contexto. Por consequência, ela se torna clara e objetiva ao abstrair o conhecimento apreendido (KANT, 1996).

Dentro do olhar kantiano, tudo que se posiciona contra a moral deve ser esquecida dos planos em um homem que cultiva a maldade, deste modo, naturalmente seu caráter será ruim. Por isso é importante estimular a criança a hábitos que favoreçam uma formação moral alicerçada em valores, para que os vícios não impeçam o indivíduo de progredir em sua ação moral.

O vício vai criando uma natureza e impedindo o homem de atingir seu caráter moral, gerando uma identidade negativa e desumana consigo mesmo. Deve-se ensinar aos indivíduos, desde cedo, como proceder com certa maturidade ao aprender atos e comportamentos corretos, para que possam colocar em prática. Percebe-se então, que a mudança de comportamento não é algo tão simples assim, pois um homem que esteve sempre no vício e que quer modificar tal atitude em um pequeno período de tempo não vai conseguir realizar. Porém, a mudança de atitude é algo que vai se consolidando com o passar do tempo, diferente de uma outra pessoa que sempre viveu honestamente e raciocinou corretamente a vida inteira.

Esse processo de conservação desta dignidade interior, a qual é capaz de fazer do homem a criatura mais fidalguia de todas, é sua obrigação não declinar em sua própria pessoa, pois esta é a virtude da natureza humana. Lembrando que, esse processo deve ser iniciado antes da criança começar a estudar. Diante da realidade em que os indivíduos são educadas, os pais precisam tomar consciência de sua ação prática na presença dos filhos, logo, ainda pequenos, começam a reproduzir os mesmos atos. Desta forma, se percebe o grau de responsabilidade dos pais na formação dos filhos. O ato consciente permite que, a criança desde cedo, tome como modelo o comportamento dos pais. Portanto, o ideal não é apenas falar, mas ensinar as crianças a transmissão dos valores através da ação, para que assim eles possam formar sua identidade naturalmente (KANT, 1996).

Segundo Dalbosco (2011), a criança é capaz de criar meios de construção de sua história. Em súpula é tal maturidade que impulsiona a prática pedagógica do educador em procurar fazer a diferença no desenvolvimento do educando, porque projeta a liberdade no sentido superior. Isto é, com a capacidade de promover por si mesmo um novo ponto de partida e é a primeira circunstância para poder aspirar a que os outros também o façam. Ao reconhecer-se livre no sentido metafísico, o pedagogo movido pela autonomia, luta

incansavelmente para que seu aluno execute o uso de sua maturidade absoluta e a tome como critério de sua emancipação prática.

Desde os primeiros anos de vida a criança se apresenta com toda disponibilidade e quer a todo custo emitir as ações produzidas pelos adultos. Neste âmbito, os pais e professores devem estar cientes de que a criança ainda está em processo de formação e que é preciso ser bem maleável neste momento, mas não permitindo, por exemplo, que esta realize tudo o que quer. Assim como também não a privar de tudo aquilo que é benéfico para a construção de um conhecimento sólido e eficaz. Neste seguimento, o fato de que a independência ficou estabelecida como uma expectativa da razão pura, em seu emprego hipotético, tenha agora o alcance prático. Assim é essencial ter em mente que, seu campo de domínio não se refere mais diretamente à sensação e aos conceitos autênticos do entendimento, mas precisamente a autonomia e a vontade. Contudo é necessária a independência da vontade, ou seja, somente o querer que é levado a agir pela autonomia é capaz de atingir moralmente, que naturalmente é transformada em ação. Desta forma a criança precisa obedecer as leis, que provavelmente serão aperfeiçoadas durante todo o percurso de sua existência (DALBOSCO, 2011).

A partir deste conceito formado, ainda sob o olhar de Dalbosco (2011), este indivíduo raciocinará antes de realizar qualquer ação, seja ela de ordem moral ou imoral. Mas diante dos pressupostos, ele consegue definir o que é certo e errado e em meio a qualquer situação irá partir para uma ação moral, subordinada a vontade, que na maioria das vezes é boa. A vontade não é apenas formada em um momento, no entanto será um processo progressivo que já nos primeiros anos de vida deve ser iniciado.

Percebe-se aqui, a responsabilidade dos pais e professores em formar o indivíduo e adequar os valores já apreendidos e ensinando aos demais, para que possam aprender também, desta forma a pedagogia está cumprindo seu papel (DALBOSCO, 2011).

Ainda sob a ótica deste professor, a menoridade é um obstáculo que precisa ser enfrentado. Usar o próprio entendimento para se promover é algo que requer coragem e enfrentamento do indivíduo sobre si mesmo. Não é que o ser humano seja incapaz de atingir seus objetivos, mas para que se torne autônomo é necessário que ele pense por si mesmo e aja pelos princípios da própria razão.

O pessimismo disfarçado de menoridade impõe ao homem, essa incapacidade de enfrentamento e de perceber que a coragem poderá levá-lo muito longe. Desta forma, a tomada de decisão é algo particular de cada indivíduo de querer sair de sua menoridade. A tomada de

decisão requer um ato de consciência que parte da ideia de liberdade. Entende-se portanto que o próprio indivíduo é culpado por essa menoridade, fruto da prostração e do medo sob essa aparência.

A menoridade é uma das principais particularidades da debilidade humana, já a coragem de raciocinar por si mesmo é a forma fundamental de afrontá-la. Se a menoridade depende de cada indivíduo que se acostuma e se resolve a permanecer na pequenez, a ausência de coragem e determinação racional provavelmente é a passagem da menoridade para a maioridade, passagem esta que depende exclusivamente de cada um, em tomar decisão e procurar sair desse estado. Porém, alguém pode auxiliar ou motivar, logo, não pode agir por outro. Analisa-se que é necessário formar as crianças para descobrir sua autonomia e nesse espaço os professores são peças fundamentais na condução deste processo.

A educação cumpre esse papel de auxiliar o aluno na saída da menoridade para a maioridade. Assim é essencial enfrentar a preguiça e a covardia em que chegam em sala de aula. Esse processo de saída da menoridade para a maioridade é um itinerário que não tem fim, pois uma geração educa outra futura geração.

A intenção segundo a ótica Kantiana é pensar por si mesmo, sem a dependência de outro. Todavia a idealização de tal passagem não acontece separadamente, precisando assim da direção de outros, principalmente quando se constata a educação infantil sob a administração dos mais antigos. A partida da menoridade para a maioridade, nada mais é que essa idealização do trajeto feito em companhia entre seres em situações frágeis, porém devido as disposições naturais com força para resistir as dificuldades encontradas durante o percurso formativo. O processo formativo educacional humanista está no campo da ação mais do que no campo da aprendizagem da espécie humana, sendo assim um processo que não tem fim e que as gerações futuras vão melhorando a cada ano que passa (DALBOSCO, 2011).

Segundo Dalbosco (2011), é de grande importância que o educador consiga entrar no universo da criança e perceba como ela abstrai o conhecimento de forma sensível. Desta forma a criança no convívio dos adultos é levada a aprender e colocar em prática de forma natural, sem perceber que determinado ato venha a prejudicar sua vida futura. Os costumes abstraídos pelas crianças são aspectos culturais vivenciados diariamente no mesmo contexto social em que estão inseridas. Percebe-se que, o papel dos pais é propiciar meios de complementação de conhecimentos apreendidos na escola. Já o papel do professor, é de extrema importância nesta fase, porque é neste momento que ele irá encaminhar e incentivar a criança ao

amadurecimento de seus conhecimentos. Diante deste contexto a criança assume sua autonomia, em saber discernir a verdade de uma falácia. Começa a produzir e a criar coisas novas partindo do princípio do que foi apreendido.

O ideal no início da aprendizagem é deixar as crianças aprenderem por si mesmas. Desta forma, o indivíduo não só aprende a pensar, andar, mas também, absorve a educação moral, ou seja, os costumes e regras adquiridas através da cultura, tal como na capacidade de raciocinar por conta própria (DALBOSCO, 2011).

Para Dalbosco(2009), é essencial propor a disciplina enquanto a criança está começando a formar seus conceitos. Em meio a este processo, ela deve ser instruída para pensar e agir de forma ordenada sob a lei de sua própria razão. Assim, toda prática educacional deve ser empregada enquanto a criança não possui ainda, um conceito da coisa em si, ou seja, nos primeiros anos de vida, visto que, em todo o período que prossegue para a vida adulta o sujeito apenas vai aprimorando pequenos traços. Desta forma consegue raciocinar, agir e toma decisões por sua própria vontade, sendo este o primeiro e mais importante fator dentro deste processo.

A priori é a ideia que a criança começa a formar em relação ao mundo pautada pela criatividade e por uma ação livre. Em segundo plano, mas não menos importante, é a ação atrelada no campo da liberdade que está direcionada a condição e tomada de decisão onde possui uma lei que a orienta. A superação progressiva da longitudo que desliga esses dois tipos de ação é, segundo o olhar kantiano, um dos primeiros desafios de uma suposição educacional, destacando-se com isso, a cooperação da pedagogia no sentido de chegar cada vez mais a atividade humana e sua edificação. Esta contribuição é capaz de provocar no formando uma adaptação e um crescimento progressivo e sua capacidade de pensar por si mesmo, porém o conhecer e o raciocinar por conta própria é condição de possibilidade de agir moralmente. É neste momento que a educação cumpre seu papel de mediadora no desenvolvimento, tanto teórico quanto prático, das potencialidades do indivíduo, em toda fase de formação (Dalbosco, 2009).

Segundo Dalbosco (2009), o ambiente educacional é o lugar favorável, onde se deve expandir o fazer pedagógico e formativo da criança. Porém, a educação precisa trabalhar com experimentos, para que o processo educativo seja algo que vai se construindo com o passar do tempo, tendo como objetivo, segundo o pensamento kantiano, educar para a liberdade tomando como ponto de partida a disciplina. O professor é parte essencial neste processo, pois

além de transmitir educação para o aluno, ele procura ser instruído, porque é importante formar a criança para enfrentar os desafios da vida. O animal não precisa desenvolver tal disposição, visto que faz parte de seu instinto ser o que é. Já o homem, em estado selvagem é um ser propriamente não civilizado, mas a partir do momento em que ele faz uso de sua própria razão, começa a compreender o mundo e o progresso que é atribuído a racionalidade. Todavia, tanto a disciplina como a moralidade e a liberdadesão meios para atingir a felicidade em Kant, pois é parte prioritária desse processo posto que propõe ao indivíduo construir e projetar seus ideais. Antes de realizar uma ação prática ele já possui uma ideia teórica de como irá desenvolver seu plano e como irá atingir seus objetivos. (DALBOSCO, 2009).

Kant afirma que o ser humano é a única entidade que precisa ser esclarecida, comparando com a particularidade intuitiva do animal, a qual é determinada por uma razão diferente a ele, em que o animal age com base num procedimento codificado. Já o ser humano é imaginado por Kant, como um ser que tem necessidade de sua própria razão, porém o homem não pode agir só por instinto. Logo, precisa organizar por si mesmo o projeto de sua própria ação e quando ainda é criança, não consegue formar por si mesmo tal projeto, então outros precisam ajudá-lo. Este projeto que é idealizado faz-se o gerador do próprio conceito de autonomia, ou seja, a significação da capacidade que um querer livre tem de se dá acertadamente leis a si mesmo e demonstrar o tanto quanto elas são importantes no meio educacional, no qual se percebe a saída do homem da minoridade para a maioridade.

Nas preleções o conceito de disciplina e a educação como ideia são duas indicações claras no sentido de mostrar como a pedagogia é uma das formas de realização da filosofia prática (DALBOSCO, 2009, p.175).

Percebe-se que, na visão Kantiana o método educativo é planejado como composto por duas etapas que diferente entre si estão ligadas uma a outra por meio da noção de conformidade. Na etapa precedente, que é da subjugação passiva, deve-se oferecer oportunidades ao formando, as condições para que este desenvolva sentimentos de conformidade e obediência, tais circunstâncias são criadas pela restrição imposta. Já na segunda, que é a fase da resignação ativa o aluno, este precisa todo o momento ser instigado ou desafiado a fazer uso permanentemente de seu próprio pensamento e liberdade, mas, é preciso que tanto o pensamento como a liberdade estejam atendendo a certas leis. Logo, na primeira, a imposição é mecânica, já a segunda é moral (Dalbosco, 2009), como podemos observar a seguir:

Uma diferença fundamental que já se esboça entre a ação disciplinada e a ação moral consiste no fato de que enquanto a primeira tem o papel de enfrentar maus hábitos, ou seja, de enfrentar uma formação viciada do caráter a moral é um tipo de ação baseada em máximas, as quais formam um modo de pensar(DALBOSCO, 2009, p.176).

Analisa-se que, neste procedimento é necessário agir de tal forma no campo da ação da educação moral, que a criança se habilite a agir segundo os princípios e não segundo sua própria vontade. O tipo de ação prática proposto por Kant no que concerne às regras de comportamento que concebe o fim último, tanto da atuação humana em geral quanto da atuação educacional em particular, não devem ser conhecidas no entanto, como um lugar onde se possa vir ou como algo que possa acontecer totalmente. Na realidade não basta que o ser humano se predisponha a toda categoria de fins, porém é indispensável que ele consiga o ordenamento de escolher apenas os bons fins. E para que isso venha fazer parte da construção educativa do indivíduo entendamos que:

A ação disciplinar exercida pelo educador em relação ao educando, portanto, não pode nem de perto, ser confundida com uma ação de adestramento. A expressão adestramento conduz para uma imagem bem familiar a cultura humana de domesticação de animais (DALBOSCO, 2009. p.178).

Civilizar um animal significa conciliar o seu modo de se comportar a vontade do homem, com base na direção de que, o mesmo não possui alta determinação e nem escolha por só portar o seu comportamento a um hábito humano com base na pré disposição, no qual o animal não possui nem autonomia e nem vontade por viver em um comportamento determinado por outro. O animal não consegue sair desta rotina, desta forma, precisa ser adaptado. Fazendo-se uma analogia entre o homem e o animal, entende-se que, o homem possui tanto a liberdade quanto a autonomia. Levando-se esta relação para o campo pedagógico entre professor e aluno em um ambiente de aprendizagem, significa ignorar o que existe de humanidade no homem, que é sua racionalidade e sua liberdade, desta forma, Kant vai contra a ideia de adestrar seres humanos (DALBOSCO, 2009).

Kant parte de um conceito infância no qual a criança é defendida como um ser que ainda não possui as condições racionais de agir por conta própria. Por isso, ela ainda não está em condições de agir moralmente e ser imputada, internamente, como o jovem ou adulto por suas ações (DALBOSCO, 2009, p.179).

Percebe-se que a criança não possui ainda liberdade no sentido de agir moralmente e por isso não deve ser penalizada, ser punida rigorosamente pela ação praticada em meio ao

conceito de infância em que o indivíduo carrega consigo a responsabilidade de se manter disciplinada. A princípio, a criança quando chega a escola para ser formada, surge como um ser bruto que precisa construir novas ideias e polir o que ela já conhece. Desta forma Kant afirma que, existe um conjunto para a construção de tal ser que é torná-lo mais humano e eliminar a sua selvageria, tomando como ponto de partida a disciplina. A ação disciplinada retira do homem sua animalidade e possibilita a ele que consiga alcançar sua autonomia e agir através de sua própria consciência (DALBOSCO,2009).

Se o conceito de disciplina não pode ser entendido por um lado como um tipo de imposição do educador sobre o educando o que levaria a um adestramento por outro, com ele também não é pensado um tipo de proteção excessiva que os pais devem exercer sobre seus filhos ou que o educador deve exercer sobre o educando (DALBOSCO, 2009, p. 181).

Kant classifica a disciplina como um modo de acostumar o homem a se tornar submisso às regras e leis da própria razão. Porém, o conceito de formação consiste em uma categoria que não permite que a vontade livre do indivíduo se torne ação sem possuir uma direção por um caminho ou por outro e que os pais possam intervir na educação formativa de seus filhos. Partindo deste pressuposto, a vontade do educador precisa antes de tudo ser disciplinada para possibilitar a autonomia e a capacidade de usar sua própria razão sem a dependência do outro, assim é necessário estabelecer limites, sem ser um obstáculo para os educandos que fazem parte diretamente do processo pedagógico e de uma formação disciplinada para a liberdade (DALBOSCO,2009).

Tanta a existência quanto a liberdade devesse ser devidamente esclarecidas. Neste sentido, o termo realização desempenha uma função normativa, enquanto o ideal regulador da própria relação entre filosofia prática e pedagogia.(DALBOSCO, 2009. Pág. 185).

Percebe-se então que, Kant faz uma crítica ao conceito do termo realização, partindo da ideia de que existe uma aplicação de princípios que são justificados, dentro de um processo moralizante da filosofia. Porém, se o termo realização fosse compreendido por esta ótica, tendo como ponto de partida a necessidade da educação, não seria uma educação pensada e idealizada. Para Kant, a realização não se projeta como local atingido pela ação do próprio indivíduo, mas na capacidade de raciocinar e chegar a descobrir uma atitude fundamentada pela produção do próprio raciocínio em que daria condição ao indivíduo a realização de uma nova ação humana, assim como procurar sempre o melhor comportamento. Kant afirma que

este novo comportamento precisa ser orientado pelos princípios de que a natureza humana deve ser sempre planejada como o fim e nunca como o meio. (DALBOSCO, 2009).

Segundo Dalbosco(2009), cogitar relação entre filosofia e pedagogia é pensar a relação educativa como processo de agir reflexivo e teórico, sendo que para a filosofia, caberia o processo formativo, moral e ético. Já a pedagogia se encarregaria da tarefa de ensinar conceitos ou formas de executar o método do trabalho educativo.(DALBOSCO, 2009).

O homem por não ter instinto, precisa planejar seu próprio comportamento e com isso, refletir sobre o que deve ou deixar de fazer. Este quando vem ao mundo, ainda não está preparado para tal reflexão. Destaforma, é preciso então que outro o faça em seu lugar analisa-se que a falta da ação instintiva, ou seja, por não possuir uma razão estranha que permaneça desde o momento em que vem ao mundo e que é capaz de determinar desde o princípio, a finalidade e sua maneira de agir.

É uma observação estreita a tal regularidade que o educador pode torna-se um guia eficiente na educação da criança evitando antecipar prematuramente coisas que não lhe dizem respeito e, ao mesmo tempo preparando-lhe adequadamente para seu desenvolvimento cognitivo e sua formação moral futura. (DALBOSCO, 2011. p. 112).

Percebe-se claramente que a ação pedagógica do professor em relação ao formando é de grande importância, pois é ele que vai aos poucos ensinando o conhecer e tudo aquilo que está presente ao seu redor. O professor deve ensinar as crianças a pensar por si mesmas, exercitando suas faculdades cognitivas e intelectuais, para assimcriar novas ideias e colocá-las em ação. Porém, o educador deve utilizar em sala de aula instrumentos pedagógicos como brincadeiras e jogos educativos, com a finalidade de despertar nos indivíduos uma visão mais ampla e melhor compreensão do mundo, através da sensibilidade. Os jogos que são aconselhados pelos grandes mestres em educação são aqueles que além de despertar prática também possibilita o uso dos sentidos. (DALBOSCO, 2011).

Se o núcleo da educação física consiste no fortalecimento do corpo e no refinamento dos sentidos, cabe agora a educação prática ocupar-se inteiramente com a capacidade cognitiva do educando, visando ao desenvolvimento de suas forças (faculdades) racionais. Por isso, a educação prática deve começar com um conjunto de procedimentos que possam preparar adequadamente o ser humano para fazer uso do próprio entendimento. (DALBOSCO, 2011. p. 114).

Analiza-se que existem duas finalidades principais dentro do processo pedagógico de trabalhar a educação física na escola. O primeiro é tornar o corpo mais fortalecido, propiciando uma certa resistência. O segundo é aperfeiçoar os sentidos, porém, dentro deste contexto entra em disputa o desempenho das forças de aprendizagem tomado como ponto de partida para a autonomia da moralidade. Somente o indivíduo que é capacitado para raciocinar por si mesmo, possui a capacidade de praticar a lei moral como sua responsabilidade, ou seja, existe primeiro o desenvolvimento do corpo, depois o desenvolvimento da mentalidade. (DALBOSCO, 2011).

No que diz respeito especialmente ao cultivo do entendimento, o diferencial repousa em poder empregá-lo de modo reflexivo, e não como um ato mecânico de pensamento. Ou melhor, não basta apenas assimilar regras, mas ter a consciência da regra que segue (DALBOSCO, 2011. p. 115).

Considerações Finais

Por fim, Kant afirma que, a construção do conhecimento pode ser abstraída através de regras e não só da capacidade de repetição. Porém, o aperfeiçoamento apropriado do conhecimento, tendo como função a edificação da ação do ser humano, ensina este indivíduo a usar com capacidade uma norma, mas que só irá conseguir a partir do momento em que for educado a usar tal norma.

Nesta perspectiva, deve-se começar o procedimento através de normas abstratas onde o conhecimento pela prática é o único esquema possível, de outra forma, não se chegará a norma, logo sua prática possível se tornará obscurecida. Isso quer dizer que o desempenho do argumento da criança deve ser encaminhado pelo desempenho da estruturação de normas e não começar de modo direto pelo ensinamento pensado por elas, ou seja, tanto Kant como Rousseau rompem com a capacidade intelectual da educação de seu tempo. Sob esta ótica compreende-se que arriscar na competência da prática educacional de usar o jogo e a brincadeira para construir o progresso estrutural e cognitiva do educando, com o corpo potente e os pensamentos requentados, se está preparado para encarar o problema da moralidade do indivíduo (DALBOSCO, 2011).

Percebe-se então que há uma intrínseca relação entre a filosofia e a pedagogia e que esta procura solucionar um dos maiores problemas já enfrentados pela humanidade, que é

transformar a natureza selvagem do homem, em ser humanista, sendo este capaz de transmitir os valores morais e éticos para as futuras gerações. Porém, o educador ainda é capaz de encaminhar seus alunos para o itinerário da vida buscando sempre o bem para si e para os demais.

Portanto, os seres humanos não podem usar apenas o extinto, extraindo de si suas qualidades através do exercício da razão. Logo, a educação tenta tirar do estado animal para o estado humano, através da disciplina que seria a principal responsável por controlar os extintos animais do homem para que possa obter a autonomia da razão.

REFERÊNCIAS

KANT, IMANUEL (1724-1804). **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco CackFontanella. Piracicaba: Editora Unimep 1996.

DALBOSCO, CLAÚDIO A. **Kant e a Educação/ Cláudio A. Dalbosco**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011 (coleção pensadores e educação).

DALBOSCO, CLAÚDIO ALMIR. **Moralidade e educação em Immanuel Kant**. Cláudio Almir Dalbosco, HeingEidam,-Ijuí: Ed. Unijuí 2009. 240 p (Coleção Fronteiras da educação).